

BASSETTO, Bruno Fregni, *Elementos de filologia românica*. São Paulo, EDUSP, 2001. (2ª edição 2005), 380 p.

Resenhado por Maria Cristina Martins¹

Sendo o conteúdo temático desta revista diacronia e comparação entre línguas, procurou-se resenhar um livro de peso nessa área. Embora não esteja estalando de novo, o livro “Elementos de Filologia Românica” é pouco conhecido entre nós, fato comum entre os livros editados pelas editoras universitárias. Acredita-se, assim, que a resenha deste livro torna conhecido o autor e sua obra, e aproveita-se para fazer menção ao *Elementos de Filologia Românica Volume 2*, que trata da história interna das línguas românicas, a ser publicado neste ano de 2008 pela EDUSP. Como se sabe, de acordo com a tradição filológica, toda variedade lingüística pode ser estudada, sob o ponto de vista diacrônico, em sua história externa e interna. Sob o prisma da história externa, investigam-se a origem da língua ou dialeto, o território ocupado e possíveis expansões, as influências de substrato, superstrato e adstrato, os fatos políticos, históricos, econômicos e culturais, entre outros que, de alguma forma, influíram em sua evolução. A história interna da língua estuda as modificações sofridas nos vários níveis lingüísticos – fonético, morfológico, sintático, léxico e até mesmo estilístico. O primeiro volume, que será aqui resenhado, trata da história externa das línguas românicas.

A disciplina de Filologia Românica sempre foi bastante prestigiada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Foi objeto da dedicação de várias gerações de professores e pesquisadores, entre os quais se destaca o Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr., internacionalmente conhecido. O Prof. Bruno Fregni Bassetto é sucessor dessa tradição que firmou tradição e adquiriu, no decurso de décadas, feições e rumos próprios naquela Universidade. Com os “Elementos de Filologia Românica”, o Prof. Bruno Fregni Bassetto teve a intenção de resgatar e fixar essas feições e esses rumos próprios dos estudos filológicos, evitando, assim, que se perdessem ou que se alterassem indevidamente². Infelizmente, nos dias de hoje, há uma não valorização da

¹ Professora Adjunta de Língua e Literatura Latina, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Da mesma forma, neste momento, sinto-me honrada de ser uma divulgadora desses conhecimentos, já que tive a oportunidade de acompanhar as suas aulas de Filologia Românica I e de Filologia Românica II, ministradas na graduação em Letras da FFLCH/USP. Além disso, tive a oportunidade de fazer um pós-doutorado com o referido professor, comparando o latim vulgar presente em três cartas de soldados romanos do século I depois de Cristo, com algumas cartas de Cícero, representantes do *sermo urbanus*. Por isso, considero-me como alguém que tem a missão de incentivar os estudos nessa área, atualmente tão carente e sem o reconhecimento que lhe cabe.

Filologia Românica. Essa falta de valorização advém das deficiências educacionais do país o que se reflete nos cursos de Letras, já que na Filologia Românica requerem-se conhecimentos pertencentes a vários ramos do saber. Nesse sentido, sabe-se que o conhecimento de latim é cada vez mais restrito; além disso, estudam-se muito pouco as línguas românicas, como também geografia e história antigas, imprescindíveis nos estudos diacrônicos. É por isso que o Prof. Bruno Fregni Bassetto salienta na apresentação do livro que “essas e outras deficiências dos conhecimentos de nossos alunos” levaram-lhe “a introduzir no trabalho detalhes aparentemente dispensáveis, mas certamente úteis pelo menos aos que tiveram uma formação menos sólida” (p.14), como é o caso dos 20 mapas em anexo que acompanham o livro.

A introdução do livro trata do conceito de “Filologia Românica”, começando pela biografia de “filólogo”, que precedeu “filologia” e “filologar”. O conceito de filologia é construído através da análise do conteúdo semântico das ocorrências do termo em textos gregos, latinos, medievais e modernos. Dentre as numerosas definições encontradas, destacamos a seguinte: “A filologia é o conhecimento do conhecido”, de August Boeckh (1785-1867), filólogo e arqueólogo alemão (p.36). Na página 37 do livro, a biografia do termo “filólogo” é dividida em três fases, desde as primeiras ocorrências do termo nos textos gregos dos séculos V e IV a.C. até a segunda metade do século XIV, no Renascimento, período em que se fixa o conceito moderno, em sentido estrito de “filologia como ciência do significado dos textos; e em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura” (p.37).

Depois da definição de filologia, segue-se a de “filologia românica”, “que tem como objeto específico as línguas e dialetos que se originaram do latim vulgar, e suas respectivas literaturas de qualquer espécie, desde as origens até sua situação atual” (p.38). O termo “românico” é explicado em detalhes, desde sua raiz derivada parassinteticamente de “romano”, que é por sua vez proveniente de “Roma”. Um número considerável de palavras derivadas de *Roma* e *Romano* com indicações culturais e lingüísticas nos é fornecido: *România*, *romanzo*, *romance* etc até que ao final do capítulo introduz-se o trabalho filológico sobre a diacronia das línguas românicas.

No primeiro capítulo, depois de assentadas na introdução as bases da filologia românica e de definido seu objeto de estudo, apresentam-se as etapas do trabalho filológico. Em Filologia Românica, tanto a história externa como a história interna das línguas românicas são pesquisadas no latim e suas variedades, especialmente a vulgar, e nas línguas e dialetos romanos. Como os textos escritos são a base de pesquisa, é importante que essa base seja realmente confiável. E essa confiabilidade é obtida através do trabalho filológico, “que tem por objetivo a reconstituição de um texto, total ou parcial, ou a determinação e o esclarecimento de algum aspecto relevante a ele relacionado” (p.42).

A metodologia e as etapas do trabalho filológico são mostradas passo a passo no capítulo 1 (pp.43-62), desde a crítica textual, cujo objeto de estudo é o próprio texto e sua reconstituição, até questões histórico-literárias, que procuram aclarar os pontos obscuros, eliminar lacunas no conhecimento de dados a respeito do texto etc. Aqui também são usados os critérios internos fornecidos pelos próprios documentos, como também os critérios externos, sobretudo citações, alusões, referências etc (cf. p.51) como a autoria, a autenticidade da obra, a datação, as fontes de que se serviu o autor etc.. No fechamento do trabalho filológico há que se destacar o importantíssimo trabalho da “exegese” (ou “exegese do pormenor”), palavra derivada do verbo grego ἐξηγήσομαι, que significa “eu conduzo, guio, explico, interpreto. Este princípio procura esclarecer os detalhes dos pormenores, partes do texto que poderiam ser difíceis para o leitor entender ou que mereçam um aprofundamento maior. Finalizando o primeiro capítulo são apresentados os diversos tipos de edições: edição crítica, edição diplomática, edição paleográfica e outros tipos de edição.

No segundo capítulo (pp.63-86), apresentam-se os vários métodos utilizados em Filologia Românica: histórico-comparativo, idealista, geografia lingüística, palavras e coisas, onomasiológico, neolingüístico ou espacial, teoria das ondas, métodos afins (entrecruzamento de métodos) e considerações sobre os métodos.

No terceiro capítulo (pp.87-176), o autor nos fornece a gênese das línguas românicas, começando pelas variedades de latim, com ênfase particular no chamado “latim vulgar”. Dada a importância desta variedade, da qual se originaram as línguas românicas, sobre ela são dedicadas várias páginas, a começar por suas características principais que diferem do latim literário, por ser o latim vulgar: 1) mais simples em todas as áreas da gramática; 2) mais analítico; 3) mais concreto; 4) mais expressivo; 5) mais permeável a elementos estrangeiros (pp. 92-99). Em seguida, são mostrados os fatores de latinização (pp.99-110), ou seja, de como essa variedade de latim conseguiu se difundir pelo vasto Império Romano, através do exército romano, das colônias militares e civis, da administração romana pelas obras públicas como estradas, abastecimento de água, teatros, e outros edifícios como o fórum, templos, basílicas, bibliotecas, monumentos-, e ainda o comércio. Dando continuidade ao capítulo, vem o estudo das fontes do latim vulgar, com cada tipo devidamente exemplificado (pp.110-138). Temos, na seqüência, o estudo minucioso das causas internas (despovoamento do Império, empobrecimento e impostos, decadência militar) e externas (as invasões) da fragmentação do Império, que por sua vez levou a uma fragmentação do latim vulgar, dando origem às línguas e aos dialetos românicos (pp. 138-152).

Até este momento, vislumbra-se, de maneira sucinta, fatores de várias ordens - econômicos, políticos, étnicos, culturais, administrativos e outros - que vão possibilitar a formação das línguas românicas. O autor necessariamente

chama atenção de que a latinização não foi uniforme em todas as partes do Império Romano e que, além de haver primeiramente uma fase de bilingüismo, no processo de formação e de diferenciação das diversas línguas românicas, atuaram as forças de *substrato*, *superstrato* e *adstrato* (pp. (pp.152-176). Dentro das influências de adstrato, apresenta em detalhes o papel do latim medieval e eclesiástico como fonte de empréstimos às línguas românicas nascentes.

O quarto capítulo trata do estudo individual de cada uma das línguas românicas, começando pelo conceito de *România*, em suas diversas fases. O Professor Bruno Bassetto mostra que para a localização das línguas românicas no tempo e no espaço, os antigos conceitos de *Orbis Romanus* e *Imperium Romanum* não são mais adequados, devido às várias acepções atribuídas ao termo *romano*. Embora as denominações dos territórios ocupados sejam pontos de referência iniciais para a localização das línguas e dialetos românicos, deslocamentos e modificações posteriores dos pontos de vista étnico, político e lingüístico exigiram uma denominação mais abrangente.

No quarto capítulo, tem-se inicialmente o conceito de *România* e os períodos da *România* – *România Antiga*, *România Medieval* e *România Moderna*. Passa-se na seqüência às fases de evolução das línguas românicas e sob esse ponto de vista a história interna de cada uma delas é tratada – fase latina (latim vulgar), fase romance e fase moderna, começando do oriente para o ocidente. Após o estudo individual de cada uma delas, seguem-se as diversas tentativas de classificação e, por fim, a caracterização dos diversos blocos românicos, segundo tendência mais recente, com as características e inter-relacionamento das línguas românicas. Nessa perspectiva mais recente, pôde-se conhecer os traços lingüísticos mais importantes de algumas variedades românicas pouco conhecidas entre nós, como o gascão, o rético, o franco-provençal e o logudorês.

A obra finaliza com a indicação de uma vasta bibliografia na área, a que está realmente disponível para nós brasileiros. Além disso, apresenta três índices de enorme utilidade: índice dos autores citados, índice temático e índice de palavras que foram analisadas ou arroladas como exemplo. Como um apêndice, apresentam-se 25 mapas, que vão desde o Império Romano, de Augusto a Trajano, passando pelos povos da Itália Antiga, pelos principais centros de cultura do Império Romano, pelas migrações, reinos e situação política da Idade Média, entre outras coisas, até chegar aos dialetos e línguas românicas modernas.

Pretendemos com esta resenha, como ficou dito na introdução, tornar conhecido o autor e sua obra, além de resgatar e estimular os estudos de Filologia Românica. O breve resumo que aqui fizemos diz muito pouco de uma obra tão abrangente. Ficaremos contentes se as nossas palavras forem tomadas como um incentivo para o fascinante estudo da romanística.